

Implicações da Pós-modernidade para a Universidade¹

ELISABETE MONTEIRO DE AGUIAR PEREIRA*

Resumo: O artigo procura apresentar as implicações do novo cenário pós-moderno para as questões da universidade. Nessa abordagem são levantadas algumas referências conceituais ao termo pós-modernidade, a forma como a modernidade tem sido estruturada e sua influência sobre o processo formativo que se processa na universidade, nesse período. A ênfase maior do artigo é sobre as referências da pós-modernidade para a universidade. Completando o texto, é apresentado um quadro das tendências paradigmáticas das ciências na modernidade e na pós-modernidade.

Palavras-Chave: Universidade; Modernidade; Pós-modernidade; Ensino superior; formação profissional.

Abstract: This article intends to present the implications of postmodernity to the university. In it are brought up some considerations about modernity and the way the university has been organized in this period, and considerations about the word postmodernity and its implications to the university.

Key words: University; Modernity; Post-modernity; Higher education; Professional education.

As universidades podem ser fundadas por príncipes, cardeais, presidentes, alunos e professores, mas elas só podem ser inventadas ao longo do tempo pela própria comunidade acadêmica, em sua convivência com o mundo inteiro e com a sociedade onde se situa.

Buarque, Cristovam (1994)

Nenhuma instituição sobrevive muito tempo, se não for capaz de reformar-se, adaptar-se a cada instante às exigências do seu tempo, mantendo-se fiel ao seu papel histórico.

Idem

¹ Este texto foi inicialmente apresentado como palestra no XXXIX Congresso Brasileiro de Educação Médica, realizado em Belém, em 27 de Setembro de 2001.

* Doutora em Educação (UNICAMP), professora da Faculdade de Educação da UNICAMP.

No longo prazo, nenhum dos problemas atuais persistirá. Em menos de cem anos, a universidade será radicalmente diferente, em todos os aspectos. É impossível imaginar os detalhes, mas não é difícil supor alguns pontos desta universidade do futuro distante.

Idem

Introdução

Ao falar sobre as implicações da pós-modernidade para a universidade, submeto ao exame crítico do leitor, certos posicionamentos, certas visões, certos conceitos que fazem parte de uma nova forma de conceber a produção do conhecimento, os valores sociais, políticos, culturais, econômicos e educacionais. Assim, estes posicionamentos envolvem todos que trabalham e pensam sobre a universidade e a formação dos alunos, futuros profissionais e cidadãos, que é feita na universidade.

O texto está organizado abordando primeiramente uma apresentação sobre o termo pós-modernidade. Para falar deste, houve a necessidade de se fazer considerações sobre os parâmetros da modernidade e a forma como o conhecimento é elaborado nela. Sendo a universidade uma instituição que reflete seu tempo histórico, a organização da universidade na modernidade será rapidamente considerada. Tomando o nosso tempo histórico como um tempo de mudanças paradigmáticas, a pós-modernidade e as implicações desta, para esta universidade do tempo presente, será caracterizada.

Pós-modernidade e conceituações

O que mais sobressai na emergência da pós-modernidade, segundo Goergen (2001) é o surgimento das múltiplas perspectivas e não só a perspectiva da cientificidade, como na modernidade, o que anuncia a possibilidade de múltiplos enfoques sobre um mesmo fenômeno. Nesse sentido, pós-modernidade é uma postura intelectual, um estado de reflexões que desafiam e transformam as hierarquias existentes em todas as esferas da vida contemporânea estruturadas dentro do parâmetro da modernidade.

A pós-modernidade se refere a uma mudança nos paradigmas do pensamento ocidental. Embora seu início não seja preciso, o desconforto com as posições engessadas do pensamento moderno pode ser localizado no século XIX com Baudrillard. É uma forma de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, de razão, de identidade e objetividade. Questiona a idéia de progresso contínuo, bem como as explicações únicas e os fundamentos definitivos de uma explicação. Dizemos que a pós-modernidade questiona as metanarrativas ou seja, as grandes narrativas de legitimação sejam elas metafísicas, existencialistas, marxistas, empiristas, positivistas, etc...

A pós-modernidade é um posicionamento contra a utilização de narrativas que subordinem a complexidade e variedade do mundo social a explicações ou finalidades totais.

A pós-modernidade é um posicionamento contra a utilização de narrativas que subordinem a complexidade e variedade do mundo social a explicações ou finalidades totais, tornando-se metanarrativas. Rejeita as explicações únicas, os métodos únicos, o critério de validação que se pretenda universal, em detrimento de outros. Isto não quer dizer que não haja narrativas, mas que estas não têm o poder de serem as únicas legitimadoras (Lyotard, 1993).

Não há ainda consenso entre os que estudam a pós-modernidade, sobre uma definição de sua significação. Ela é vista e compreendida de forma diferente para diferentes estudiosos, nos diferentes campos. Falar de pós-modernidade não se torna uma tarefa fácil, pois seu termo não expressa uma unanimidade de opiniões, embora já seja vastíssima a bibliografia na área. Num estudo feito por Pereira² (2000,165) sobre as aproximações ao termo, este é descrito como uma postura intelectual, uma forma de crítica cultural, bem como um conjunto emergente de condições sociais, culturais e econômicas que caracterizam a época do capitalismo e industrialismo globais.

No entanto, Jameson (1996) adverte que o esforço de unificação conceitual sobre pós-modernidade é rotundamente incoerente com o espírito da pós-modernidade e entende que o desafio atual consiste em dar conta das contradições do presente e evitar, ao máximo, as armadilhas que as ideologias da modernidade têm posto. Lyotard (1993) nesse mesmo sentido, diz que a pós-modernidade não se governa por regras já estabelecidas e não pode ser julgado mediante um juízo determinante, aplicando categorias conhecidas. Para ele “o pós-moderno devia

² Para um estudo mais aprofundado das diferentes conceituações sobre pós-modernidade, ver o capítulo de Pereira, E.M. A in Santos Filho, J.C e Moraes S.E. (orgs) *Escola e Universidade na Pós-Modernidade*, Campinas, Ed. Mercado de Letras, 2000.

ser entendido segundo o paradoxo do “pós” no sentido de anterior” (p.26). Isto é, o pós-moderno tem a propriedade do acontecimento, daquilo que ainda não é presentificável e, portanto, não segue regras.

No entanto, as manifestações de posições, de enfoques, de visões diferentes daquelas que regem fortemente o período da modernidade, vêm crescendo cada vez mais, e hoje estas novas posições estão sendo cada vez mais debatidas, pensadas, refletidas nos mais variados campos da produção humana, como um novo sentido para se pensar o mundo. Nas palavras de Boaventura Santos (1995) a pós-modernidade é um paradigma emergente, um novo paradigma e um paradigma em crescimento.

A Modernidade

Algumas distinções diferenciam os paradigmas da pós-modernidade, dos paradigmas da modernidade, e estas distinções apresentam um quadro tanto novo, como inseguro para as questões da educação.

A modernidade vê o mundo de forma ordenada e linear, possível de ser explicado em seus elementos constituintes de forma racional e dicotômica. A modernidade foi inaugurada pelo método de Descartes, pelo empirismo de Galileu, Bacon, Copérnico, Kepler, Newton, que entenderam o mundo como um “grande livro aberto para ser examinado” (nas palavras de Galileu, apud, Doll,36) e escrito numa linguagem matemática. Newton reforça essa visão com seu livro “Principia Mathematica” e com seus seguidores, para quem a matemática se encarregava de explicar a organização do mundo. Estava assim, descoberta a ordem da natureza, a linguagem da natureza (que é a matemática) e por isso, a possibilidade de controle e de se operar sobre ela.

A modernidade se regeu, daí para frente, pelo método científico apoiado na razão correta de Descartes, no senso de experimentação de Galileu e Copérnico e pelos princípios matemáticos de Newton. Este racionalismo dominou toda a ciência inclusive as humanas com Augusto Comte na Sociologia, e Wundt, Torndike e outros, na Psicologia. Este direcionamento levou ao entendimento de que o progresso, a perfeição, eram possíveis e até inevitáveis, pois se baseavam numa ordem estável, simples, correta, uniforme que, aos poucos, se tornou dogmática, tão dogmática quanto a visão pré-moderna que ela veio substituir.

Esse entendimento instrumentou o Iluminismo, o industrialismo, e a crença numa sociedade justa como uma sociedade ordenada, predizível, mecanizada. Uma ordem que está no mundo e não no indivíduo. Cabe ao indivíduo a descoberta dessa ordem, a manipulação a seu favor e a sua transformação. O método racio-

nal de Descartes do “*penso, logo existo*”, da impossibilidade da dúvida, tinha princípios simples: 1. aceitar apenas o que se apresenta para a mente “tão clara e distintamente” que a sua verdade é auto-evidente. 2. Dividir cada dificuldade em tantas partes quanto possível “para uma solução mais fácil”. 3. Pensar de maneira ordenada, partindo do mais simples para o mais complexo, 4. ter a certeza de que nada foi omitido.

Esse método vai influenciar toda a forma de fazer ciência onde os sentimentos, a intuição, as experiências pessoais, não podem ser consideradas fontes de conhecimento porque não são exatas, objetivas. É um método que dá a segurança do determinado, onde o indeterminado é impensável.

O paradigma moderno admitiu um mundo objetivo, passível de ser descoberto pelo método científico, composto de uma realidade simples, ordenada, mecânica, estável. São essas as pressuposições que vão reger a ciência e a universidade do mundo moderno. É uma sociedade e universidade dominada pela racionalidade científica e depois pelo pragmatismo (isto é, a visão utilitária do conhecimento, a visão aplicada e útil da ciência). A modernidade busca as explicações universais, pois o mundo é explicado pelas suas regularidades e predizibilidade.

A racionalidade técnica da modernidade centra-se na eficiência da produção e mecaniza o pensamento, descobre a maneira de se chegar a algo, e segue-a como sendo *o único método*. Schön (2000), que discute a preparação de profissionais como práticos reflexivos, diz que “na racionalidade técnica os profissionais solucionam problemas instrumentais, selecionando os meios técnicos mais apropriados para propósitos específicos.(p.15)”.

A pós-modernidade e a universidade

A pós-modernidade vê o mundo e a natureza numa ordem flexível, contingente, diversa, instável, imprevisível. É cética quanto à objetividade da verdade, da causalidade mecanicista dos efeitos, da predizibilidade (os mesmos efeitos sempre seguem as mesmas causas). Para a pós-modernidade a natureza não é estritamente uma sucessão de causas e efeitos (Boronowski (1978) e a ordem não é imposição externa, mais é feita em termos de harmonia e equilíbrio internos. Não há uma ordem linear, mas uma ordem complexa.

A pergunta para a educação e para a universidade na pós-modernidade é sobre as direções que as instituições educacionais tomarão e quais os valores que fundamentarão essas mudanças.

É importante deixar claro que o termo “pós”, não tem o mesmo sentido de “anti”. O termo “anti” significa reação contra, rejeição. O termo “pós” é algo que segue, mas que é ligado e contínuo, tem uma nova ênfase e um novo diálogo.

Nesse sentido ele é análogo ao prefixo pós, na palavra pós-graduação. Não é um estágio que supera, mas que supõe a existência de.

Knight (1995) vê um significado de diálogo “com” ou resposta “para” no prefixo “pós” e cita Lyotard que conclui que o prefixo “pós” significa a interface constantemente trabalhada entre passado e futuro. Knight ainda afirma que há sempre uma manifestação, uma crítica e uma desconstrução da modernidade, mas a pós-modernidade não é entendida como uma nova e diferente ordem. Segundo

Lyotard (1989), a pós-modernidade, enquanto análise dos pressupostos, limites e conseqüências da modernidade, instaura-se a partir de uma reflexão crítica sobre o estatuto científico que rege o projeto moderno.

Assim, a transição pós-moderna caracteriza-se pela rejeição da racionalidade positivista da perspectiva da razão que vê a si mesma, como desinteressada, transcendente e universal (Fernades,200). Caracteriza-se pela ruptura com a crença iluminista na ra-

**A pergunta para a
educação e para a
universidade na pós-
modernidade é sobre as
direções que as
instituições educacionais
tomarão e quais os
valores que
fundamentarão essas
mudanças.**

ção e na capacidade da ciência para proporcionar o domínio sobre a natureza de forma a aperfeiçoar as instituições sociais com vista à emancipação do homem.

A pós-modernidade não se limita a pôr em causa um determinado modelo de legitimação do conhecimento, o que não significa que desapareceram as preocupações com a validação do conhecimento, nomeadamente do conhecimento científico. Permitiu surgir uma nova racionalidade que sublinha o papel do sujeito, da intersubjetividade e do contexto em que o conhecimento é produzido. O fato de se ter passado a questionar a universalidade e neutralidade da razão, não significa que o conhecimento científico deixa de ter importância na constituição do mundo hoje, ou que se deixa de reconhecer o acelerado desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Não significa tampouco, que a pós-modernidade esteja associada à valorização de alguma forma de irracionalidade. Significa que se deixou de reconhecer que esse desenvolvimento científico seja percebido como um inquestionável sinônimo de progresso. Significa que se legitimaram outras formas de conhecimento e racionalidade além da cientificista. Que se enfatiza que o conhecimento é fruto de uma construção social, historicamente determinada a que é possível aceder utilizando-se uma pluralidade de métodos (Fernades, 2000).

O ensino superior tem tido total influência da concepção racionalista do conhecimento e, nesse paradigma, a idéia de universidade é a de uma instituição que tem a responsabilidade de entregar o profissional pronto para o mercado. Assim,

os currículos são organizados com base nos perfis fechados de profissional e especialistas, e, como a especialização é cada vez maior, os currículos são inchados para serem cada vez mais atuais.

Nessa lógica, quanto mais informação o aluno obtiver, mais bem formado ele sai da universidade. Aprendizagem e capacidade são vistas como aquilo que é passado pelo professor em sala de aula, através de um conteúdo controlado e rigidamente avaliado. A prática é apenas a comprovação da teoria e não é vista como possível fonte desafiadora da teoria.

Com uma nova visão do que é ser profissional, a forma de conceber sua formação também muda. Sendo este profissional visto e concebido como um cidadão-profissional que trabalha problemas humanos do viver social, a responsabilidade pela sua formação se amplia da visão técnica e especializada para a aprendizagem de valores e atitudes sociais, humanas e afetivas daquele conhecimento. A reflexão sobre a ciência, guiada pelos valores humanos e sociais, é a forma de reconstruir o conhecimento em outras bases que não aquela da certeza racional. Na visão pós-moderna, métodos de reflexão, reorganização e ação interativa precisam ser parte da construção dos currículos.

Os autores da pós-modernidade chamam a atenção para uma responsabilidade ética e política associada ao conhecimento científico. Esse é um papel que aparece realçado juntamente com o papel do conhecimento e da informação. É uma ação associada ao domínio técnico do profissional, onde os profissionais sejam capazes de problematizar o mundo, o conhecimento, tornando-o mais humano e menos técnico. Sair da “sabedoria de resultados” para a estimulação da “curiosidade epistemológica” no dizer de Paulo Freire (1995). Formar indivíduos que compreendam os problemas e busquem encontrar soluções em horizontes além dos que são tomados como limites pelos parâmetros da modernidade.

Goergen (2001) apresenta um quadro sobre a crítica pós-moderna. Para ele,

“a crítica pós-moderna detecta a crise dos fundamentos comuns do conhecimento; detecta a desestabilização da confiança na possibilidade de encontrar um desenho universalmente válido do conhecimento sobre o qual haja consenso acerca do saber que deve ser ministrado como legítimo e de como isto deve ser feito; parece, efetivamente, encontrar respaldo no quadro de crise epistêmica, ética e social que vive o homem contemporâneo” (p.69)

Para os gregos, o profissionalismo era um estudo em excesso e representava a perda do equilíbrio que era o ideal de cultura. Não haver nada em excesso era a questão da ordem equilibrada. Para Platão, por exemplo, a justiça era um senso de equilíbrio e para Aristóteles a virtude era a média entre os extremos. Inversamente, para os modernos, o profissionalismo (especialização em excesso) passou

a ser o maior valor e a marca educacional. O profissionalismo, como regra, tem uma maior atenção para uma área de especialidade e menor sobre como esse conhecimento se encaixa num equilíbrio holístico ou numa harmonia global.

Pensar a universidade numa concepção pós-moderna é muito mais que o rearranjo do conhecimento disciplinar, gerador da especialização, da fragmentação. É transformar o ensino alterando sua lógica, é entender que a prática é ponto

de partida para questionamentos, para a dúvida epistemológica. A dúvida é a marca da pesquisa, do comprometimento com a busca. É a postura de não estar satisfeito com respostas prontas. Nesta visão, a idéia de agir instrumentadamente, é a forma de unir a reflexão teórica, a reflexão prática e a ação social. Essas marcas configuram compreensões de conhecimento, ciência e mundo, num paradigma diferente da modernidade.

Esta postura pedagógica inverte a lógica universitária de primeiro desenvolver a teoria e depois a prática. O que se procura, neste novo paradigma, é retirar o conhecimento de seu isolamento, de sua forma cristalizada e linear, para colocá-lo no contexto complexo do mundo vivido.

Nesta relação pedagógica, professores e alunos constroem continuamente o conhecimento embasados nas teorias e na revisão constante destas, nos questionamentos e nas leituras da realidade do presente histórico.

Para a pós-modernidade, os problemas do mundo não se apresentam aos profissionais como problemas técnicos onde é possível apenas aplicar o conhecimento técnico. Eles se apresentam de forma complexa, multifacetados em aspectos humanos, políticos, econômicos, culturais, ambientais, que não raro envolvem conflitos de valores.

Estes aspectos são chamados por Schön, “zonas indeterminadas da prática”. A incerteza, a singularidade e os conflitos de valores que envolvem os problemas humanos, escapam aos cânones da racionalidade técnica. Na utilização das soluções técnicas, os especialistas ficam cegos para determinadas conseqüências que ajudam a criar. Muitos dos problemas humanos são, e foram, conseqüências dos projetos instrumentados pelos parâmetros da modernidade. Lyotard (2000, p 42) enumera alguns deles: doutrina materialista da história (muro de Berlim); doutrina do liberalismo parlamentar (maio de 1968); doutrina do liberalismo econômi-

A forma curricular na pós-modernidade deve fazer com que o aluno, ao vivenciar um problema, o veja como acontecimento em todo o seu contexto e não como cópia de uma teoria generalizada, que reconheça não só o que ele tem de geral e explicativo, como o que ele tem de único e singular.

co (exclusão, desigualdade crescente e crises sucessivas); Auschwitz; tecnociência capitalista (desemprego); problemas ambientais (degradação da qualidade de vida).

Na visão complexa os problemas devem ser vistos para além das fronteiras convencionais da competência técnica.

Na racionalidade técnica, o profissional apenas escolhe os aspectos específicos relativos a sua área de conhecimento. Na visão complexa, ele se guia pela visão da problemática toda; assim a definição do problema é um processo ontológico, isto é, a forma de ver o problema está inserida na sua visão de mundo. Para Schön (2000), não é através de soluções técnicas que se convertem as situações problemáticas em problemas bem definidos. Ao contrário, é através da designação e da concepção mais ampla do problema que a solução técnica se torna possível.

Morin, (1999) informa que é a postura sobre o conhecimento do mundo que muda a postura da universidade frente ao conhecimento. Para ele, a finalidade atual da universidade é “dar aos alunos que vão enfrentar o mundo do terceiro milênio uma cultura que lhes permitam articular, religar, situar num contexto, os conhecimentos que adquiriram” (p. 21).

A compreensão da complexidade leva a um posicionamento da necessidade de trabalhar os conhecimentos de forma transdisciplinar, isto é, a importância de trabalhar o conhecimento na perspectiva de seus interrelacionamentos e entre estes e a vida humana. Trabalhar um conhecimento em bases sociais e humanas para evitar que este seja submetido ao poder industrial e tecnológico. Não se trata de criar uma nova ciência unificadora. Morin afirma que “não se pode criar uma ciência unitária do homem, pois ela dissolveria a multiplicidade complexa do que é humano”. (34). A pós-modernidade não procura uma nova metanarrativa, nem um novo método. Abre-se para as múltiplas interpretações.

Parafraseando Morin (1999, 35), a grande tarefa da universidade é encontrar o caminho da articulação entre as ciências sem operar reduções, sem a pretensão de uma ciência geral.

A forma curricular na pós-modernidade deve fazer com que o aluno, ao vivenciar um problema, o veja como acontecimento em todo o seu contexto e não como cópia de uma teoria generalizada, que reconheça não só o que ele tem de geral e explicativo, como o que ele tem de único e singular. Esta forma de ver e entender a estruturação curricular, faz com que o aluno enfrente o conflito, a

A educação deverá canalizar suas atividades formativas para o desenvolvimento de cidadãos que ajam como profissionais responsáveis, cotidianamente, de forma individual e coletiva, para a construção de uma sociedade globalmente melhor.

incerteza e empregue não a regra universal e infalível, mas as analogias, as conexões, as sínteses para estruturar o problema. William Pownes, citado por Schön (2000, p.20) disse em 1972: “o que mais precisamos ensinar os estudantes é tomar decisões sob condições de incerteza, mas isso é justamente o que não sabemos fazer”. Esta é uma nova forma de entender a descoberta, não é uma descoberta predizível, mas em processo contínuo de transformação.

O currículo na pós-modernidade privilegia um desenvolvido de forma integrado, entendendo por integração a contextualização dos saberes onde os limites das disciplinas se tornam pouco perceptíveis (Hargreaves, Earl e Ryan, 1996). A contextualização é percebida como a forma de devolver ao ensino uma certa humanização. As atividades curriculares devem promover aprendizagens que permitam desenvolver competências cognitivas globais necessárias a uma abordagem temática, significativa e ampliada dos problemas, estimulando todas as formas de compreensão da realidade que produzam novos saberes.

A disciplinarização deve ser flexibilizada, o que significa abandonar o isolamento em que a precoce especialização do currículo tem conduzido. O currículo na pós-modernidade deve responder a uma época descrita por McLaren (1993, p. 17) como a “época na qual as fronteiras culturais e epistemológicas estão se desfazendo e os gêneros disciplinares se tornando indistintos”.

A educação deverá canalizar suas atividades formativas para o desenvolvimento de cidadãos que tenham como preocupação e que ajam como profissionais responsáveis, cotidianamente, de forma individual e coletiva, para a construção de uma sociedade globalmente melhor. O que se pretende é uma educação de rosto humano.

Acredito, como Santos Filho (2000), que os “desafios culturais, teóricos, metodológicos e éticos colocados pela pós-modernidade, esperam da universidade uma resposta corajosa e urgente”(p.53).

Apresento a seguir um quadro das tendências paradigmáticas das ciências na modernidade e na pós-modernidade, construído a partir das reflexões deste artigo.

Tendências Paradigmáticas das Ciências

NA MODERNIDADE	NA PÓS-MODERNIDADE
Dicotomia entre ciências naturais e ciências humanas	Conhecimento construído de forma dialógica - ciência e ética. Não há ciência livre de valores.
Imposição do método racional, empirista, objetivo	Legitimidade de diferentes formas de conhecimento - reflete a ciência e a vida
Definição de fronteiras que dividem os limites de um problema/conhecimento	Transversalidade, interfecundação das ciências (Morin)
Explicações gerais e teorias universais	Atenção às peculiaridades, ao local, ao diferente
Conhecimento especializado	Da complexidade do real, visa um conhecimento multidimensional
Realidade objetiva, linear, imutável	Realidade complexa, múltipla, inter-relacionada
Visão dicotômica (separação entre objetividade e subjetividade)	Visão interacionista e articulação dos saberes
Visão de ordem externa, determinista	Visão de auto-organização (não se reduz à ordem, mas a compreender) indeterminação, inter-influências
Encontrar a certeza, a verdade	Enfrentar a incerteza, a contradição, a incompletude
Conhecimento absoluto	Conhecimento em processo e incompleto
Conhecimento Disciplinar e fragmentado	Conhecimento Interdisciplinar e conectado
Conhecimento passado como pronto, acabado	Conhecimento passado como hipótese e construção através do exercício das habilidades intelectuais
Valoriza a restrição do conhecimento à especialidade, à área à qual "pertence"	Valoriza o conhecimento multirreferencial e retroalimentado
Reforça a rigidez do método	Aceita a pluralidade de métodos
Produz o conhecimento racional	Dialoga com outras formas de conhecimento
Ciência como aventura humana	Ciência como ética humana

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, J. (1998) *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos, Ed. UFSCAR.
- BORONOWSKI, J (1978) *The common sense of Science*. Cambridge, MA Harvard University Press.
- BUARQUE, C. (1994). *A aventura da Universidade*. São Paulo, Paz e Terra
- DOLL JR, W. E. (1999). *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- FERNADES, M. R. (2000). *Mudança e inovação na Pós-modernidade: perspectivas curriculares*. Porto, Ed. Porto.
- FREIRE, P. (1995) . *À Sombra desta mangueira*. São Paulo. Ed. Olho D'água.
- GOERGEN, P. (2001) *Pós-modernidade, Ética e Educação*. Campinas, Ed. Autores Associados
- JAMESON, F. (1991). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Ed. Ática.
- HARGREAVES, A, EARL, L. e RYAN, J. (1996). *Schooling for Change: reinventing education for early adolescent*. London, The Falmer Press.
- KINGHT, J. (1995). Fading Poststructuralism: Post-Ford, Posthuman, Posteducation? In *After Post-modernism: Education, Politics and Identity*. Lodon, The Falmer Press.
- LYOTARD, J. F. (1989) *A condição pós-moderna*. Lisboa, Publicações Gradiva.
- _____. (1993). *O Pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- MACLAREN, P (1993). Pós-modernismo, pós-colonialismo e pedagogia. In Silva, T.T. da *Teoria crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre, Artes Médicas. Pp.9-40
- MORIN, E. (199) *Complexidade e Transdisciplinaridade: reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal, Editora da UFRN.
- PEREIRA, E. M. A. (2000). Pós-Modernidade: Desafios à Universidade. In SANTOS FILHO, J.C. e MORAES, S. E. *Escola e Universidade na Pós-modernidade*. Campinas, Mercado de Letras.
- SANTOS, B. S. (1985). *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto, Ed. Afrontamento
- SANTOS FILHO, J. C (2000) Universidade, Modernidade e Pós-modernidade. In Santos Filho J.C e Moraes S.E. (orgs) *Escola e Universidade na Pós-Modernidade*. Campinas, Ed. Mercado de Letras.
- SCHÖN, D. (2000). *Educando o profissional Reflexivo*. Porto Alegre, Artes Médicas.